

Especial

Companhias europeias criticam as propostas de reformas do mercado de derivativos **Página C3**

Analistas avaliam que estratégia do BCE para sair da crise tem sido bem sucedida **Página C7**

Eleições 1989 Vinte anos depois, ex-presidente arregimenta tropas para eleger-se governador de Alagoas

Collor prepara-se para voltar ao cargo que o projetou ao Planalto

Caio Junqueira
De Maceió

Vinte anos depois de sua eleição à Presidência da República, o senador Fernando Collor de Mello (PTB-AL) prepara-se para tentar retomar o cargo de onde saiu para disputar o Palácio do Planalto: o governo de Alagoas. Aos 60 anos, voltou à velha forma agressiva que marcou sua ascensão à política. Controla a TV, rádio e jornal das Organizações Arnon de Mello que o projetaram no Estado, selou uma reaproximação com um antigo aliado, o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), e explora, com eficiência, perante os alagoanos, a aura de injustiçado pelo impeachment.

Além de velhos companheiros de 1989, agregou novos entusiastas, muitos dos quais na mira da Polícia Federal. Entre os principais articuladores, está o deputado estadual Cícero Ferro (PMN), preso pela Operação Taturana, que apurou desvios de mais de R\$ 280 milhões de recursos públicos. Ferro é ardoroso defensor da candidatura: "Collor é carismático, tem serviços prestados ao Estado e junta todas as lideranças".

O deputado federal Augusto Farias (AL), irmão de Paulo César Farias, é outro importante articulador de Collor. Com reduto eleitoral no litoral norte alagoano, a família Farias permanece envolvida em acusações de corrupção. A mais recente foi nas eleições de 2008, quando a PF prendeu seu irmão, Rogério Farias, candidato à reeleição em Porto de Pedras; a sua cunhada, então prefeita de Barra de Santo Antônio, Rume Farias; e a filha deles, Camila Farias, candidata em São Miguel dos Milagres. Todos são do PTB.

Ainda integra o grupo do senador no Estado mais dois deputados presos na Taturana: Antonio Albuquerque, ex-presidente da Assembleia Legislativa, então no DEM, hoje sem partido; e o deputado estadual João Beltrão (PMN). Junto com Ferro, os dois são acusados pela PF de crimes de pistolagem. Afastados do cargo, puderam retornar, junto com outros indicados, por decisão do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes.

Nenhum desses "colloridos", no entanto, faz sombra ao poder de ar-

ticulação de Renan Calheiros (PMDB-AL). O dueto de Renan e Collor no Senado, repete-se no Estado. Renan afastou-se do governador Teotonio Vilela Filho (PSDB), candidato à reeleição em 2010 e contra quem Collor pretende concorrer. O afastamento foi selado pela Operação Navalha da PF, em 2007, que prendeu Adelson Bezerra, secretário de Infraestrutura de Alagoas, apontado como responsável pela ordem de pagamento à construtora Gautama em troca de propina. Ele havia sido indicação de Renan.

Constrangido, Vilela o demitiu e não devolveu o posto a Renan. Depois disso, o MST invadiu a principal fazenda dos Calheiros, em Murici, e o governador não se esforçou para retirá-los de lá. Some-se a isso o afastamento da dona do cartório da cidade suspeita de favorecer os Calheiros em processos de grilagem de terras e a fiscalização do frigorífico Mafril, acusado de passar notas frias da compra de bois para abate a Renan.

No início deste ano, Renan retirou a última Pasta que tinha no governo, a da Saúde e, pouco depois, indicou Collor para presidir a poderosa Comissão de Infraestrutura do Senado. O movimento teve por objetivo sinalizar que, em 2010, estarão juntos. Segundo seus aliados, Renan avalia que, com Collor, sua reeleição ao Senado corre menos risco, tendo em vista que seu prestígio no eleitorado alagoano caiu muito devido às denúncias feitas pela ex-namorada de seu envolvimento com a Andrade Gutierrez, que culminaram com a renúncia à presidência do Senado em dezembro de 2007.

Renan é presença pública rara em Alagoas. Ausentou-se do evento que deu publicidade à aliança entre Collor e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em Palmeira dos Índios, em 14 de julho. Além disso, há concorrentes fortes às duas vagas do Senado, como Heloísa Helena (P-SOL), e o ex-governador Ronaldo Lessa (PDT), favoritos nas pesquisas. Renan vem em terceiro.

Collor, por sua vez, tem interesse em auxiliá-lo como retribuição à indicação à comissão do Senado e porque Renan é melhor articulador político. Embora em baixa no eleitorado, goza de muito prestígio entre os 102 prefeitos alagoanos, que veem nele canal direto e eficiente com Lula

e os ministérios. Apenas do PAC, até 2010, em transporte, energia, irrigação, saneamento e habitação, serão cerca de R\$ 3,5 bilhões em investimentos — 17 vezes o que o governo estadual pretende investir em 2009.

O trabalho é para que essa chapa Collor/governador e Renan/senador aglutine, além de PTB e PMDB, o PDT do ex-governador Ronaldo Lessa, PR, PCdoB, PV, PT, PMN, DEM, PTdoB, PRB, PSC e o PP, o que somaria mais de 80% dos municípios do Estado.

Considerado imprevisível em seu Estado, Collor, por ora, nega qualquer tentativa de retorno ao Executivo — federal ou estadual. Rispido e monossilábico, não quis fazer prognósticos em conversa com o **Valor**, em seu gabinete em Brasília. Instado a avaliar cenários políticos de 2010, abusou de respostas como "não acho nada" e "não sei". Solicitado a aprofundar alguma declaração, afirmou que já tinha respondido à questão. Alegou não ter pesquisas para traçar um perfil de seu eleitorado em Alagoas. Em relação ao fato de o Estado ser um dos recordistas em fraudes e assassinatos eleitorais, disse não ser "muito afeito" a esta agenda.

A cautela sobre o que fará em 2010 pode ser atribuída à existência de um obstáculo a ser contornado para que seu plano dê certo: Cícero Almeida (PP), prefeito de Maceió, reeleito em 2008 com 81,5% dos votos válidos. Nas pesquisas, é ele quem lidera a disputa com cerca de 30%, contra 25% de Collor e 4% de Vilela.

Dono de uma carreira política meteórica — foi vereador, deputado e prefeito em menos de dez anos — lembra Collor no apelo à religiosidade e Lula na habilidade para compromissos. No primeiro mandato, governou com partidos conservadores e investiu na infraestrutura tanto de áreas ricas quanto pobres. Foi criticado pela pouca ênfase na área social e no segundo mandato deu ao PT a secretaria da Educação e Assistência Social; ao PCdoB, a Fundação Municipal de Ação Cultural; e ao PDT, Governo e Economia Solidária.

Em seu gabinete, repleto de imagens de santos e de quadros em que aparece sorridente, Cícero, que costuma usar a terceira pessoa para falar sobre si, promete decidir se sai ou não candidato até dezembro. "Preciso ter os pés no chão, um grupo con-



Collor com a mulher, na disputa pelo Senado: além dos velhos companheiros, novos aliados apoiam planos de ex-presidente

solidado. Não sendo Collor o candidato, a gente tem a eleição ganha. Se a situação ficar dividida, tenho que pensar duas vezes", afirma, propenso a ser o palanque da provável candidata do PT a presidente, Dilma Rousseff. "As pessoas gostam de olhar no olho e sentir confiança. E a ministra olhou nos olhos do prefeito Cícero Almeida e sentiu isso." Resume algumas das razões de sua popularidade: "Tenho anos de trabalho como repórter policial no rádio, um programa de forró, sete CDs gravados, 40 composições. Todo mundo tem Cícero Almeida em casa."

O possível racha do bloco idealizado por Renan e Collor também se baseia na força do PP, sigla que mais cresce no Estado, muito em razão dos recursos do Ministério das Cidades, comandado pelo ministro Márcio Fortes, da mesma legenda. Desde 2004, o partido passou de cinco prefeituras em Alagoas para 22, à frente do PMDB de Renan (19), do PTB de Collor (19) e do PSDB de Vilela (13).

Com 43 anos de vida pública, o presidente estadual da sigla, deputado federal Benedito de Lyra, ex-Arena, PDS, PFL e PTB, é uma espécie de mentor político do prefeito de Maceió. De antemão, avisa quais poderiam ser os termos de uma eventual coligação com Collor: "Sempre ajudei a eleger, nunca a governar. O que disse a ele foi que o projeto de 2010 não pode ser pessoal, mas de Alagoas". Tem certeza de que os dois senadores estarão juntos em 2010: "Renan é o principal articulador dele. Para onde um for, o outro vai."

O receio maior do PP é partir para uma concorrida disputa contra Collor ao governo e correr o risco de deixar a Prefeitura de Maceió, depois de um ano e três meses de mandato, nas mãos da vice Lourdinha Lyra (PRB), irmã de Thereza Collor e filha do usineiro João Lyra. Cícero e Lour-

dinha não confiam um no outro, apesar de o prefeito garantir que os desentendimentos fazem parte do passado. Outro problema é que Cícero foi indiciado pela PF na Operação Taturana, sob a acusação de ter contraído um empréstimo irregular quando era deputado, usando como garantia a verba de gabinete da Assembleia e o aval do Legislativo alagoano. Na semana retrasada, foi denunciado pelo coordenador do Movimento Nacional de Combate à Corrupção Eleitoral em Alagoas por enriquecimento ilícito e movimentação financeira fraudulenta. Para Cícero, tudo não passa de campanha difamatória, tendo em vista que lidara as pesquisas para o governo.

O provável principal adversário de Collor, governador Teotonio Vilela, tem assumido um discurso de composição com os cotados para enfrentá-lo. Por ora, é de que tanto Collor quanto Renan são bem vindos ao seu lado em 2010. "Nas duas únicas eleições em que não concorremos eu e Renan do mesmo lado, perdemos. Em 1990 não o apoiei ao governo, e em 1992 ele não me apoiou para prefeito. Pode ser coincidência, mas é fato", disse.

Palanque tucano em 2010, Vilela é só elogios a Lula. "O presidente tem tido uma postura mais que republicana, solidária, amiga, conosco. Nunca me pediu nada em troca", afirmou, às vésperas da terceira visita de Serra em menos de dois anos.

Atribuiu seu baixo índice nas pesquisas ao fato de suas ações ainda não terem aparecido à população. "É um trabalho de reconstrução de um Estado. Melhoramos a máquina administrativa, enxugamos o Estado". Vilela afirma que avanços sociais serão notados em 2010. Cita como feitos saltos na habitação popular, no saneamento e na redução da mortalidade infantil.

Nos primeiros dois anos da gestão fez um ajuste fiscal para que o Estado recuperasse sua capacidade de endividamento, o que ocorreu apenas este ano. Foram tomados cerca de R\$ 380 milhões junto ao Banco Mundial. Como contrapartida, o governo se comprometeu em consolidar o ajuste fiscal. Ocorre que esse ajuste afetou sua popularidade. Logo que assumiu, Vilela baixou decretos cancelando aumentos do funcionalismo público, concedidos no fim da gestão de seu antecessor, Ronaldo Lessa (PDT). Além de ser o estopim para o rompimento de Lessa com o governo que ajudara a eleger, o episódio serviu também para reavivar o movimento sindical no Estado, que estava fechado com Lessa. A partir daí, as greves não cessaram.

Os críticos apontam um governo solitário, centralizado na figura do governador, do seu secretário-chefe do Gabinete Civil, Alvaro Machado, e do seu secretário de Planejamento, Sérgio Moreira, que blindam Vilela do acesso aos aliados — hoje restritos ao PSB e ao PPS. Um retrato disso é que uma antiga aliada, a ex-prefeita de Arapiraca Célia Rocha, militante histórica do PSDB alagoano, rompeu com Vilela e foi levada por Collor ao PTB. Com alta popularidade em sua cidade, a segunda maior do Estado, deve conduzir o Agreste — um terço do eleitorado de Alagoas — a uma maciça votação em Collor. "Cara-pintada só apareceu com Collor, mas corrupção houve com todos os presidentes. E ele ainda foi inocentado depois", afirma ela, pré-candidata a deputada federal, que completa: "Collor e Renan juntos são muitos fortes".

Esta é a primeira de duas reportagens sobre os 20 anos da eleição de Fernando Collor de Mello à Presidência da República

Do grupo que o elegeu, Cleto Falcão é o único que vive em crise

De Maceió

Do grupo político que levou o senador Fernando Collor de Mello (PTB-AL) à Presidência da República em 1989, o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) é o mais bem sucedido dos sobreviventes. Renan foi o primeiro líder do governo na Câmara, mas os dois se afastaram quando Collor optou por Geraldo Bulhões como candidato ao governo do Estado, em 1990. Dois anos depois, viria a revanche: Renan votou a favor do impeachment do presidente. Ficaram a maior parte do tempo afastados. Na eleição

que selou o retorno de Collor aos mandatos eletivos, Renan não o ajudou. Foram os interesses de 2010 que os reaproximaram.

O interlocutor do governo Collor com os bancos na campanha de 89, Lafayette Coutinho, que veio a ser presidente da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil, vive em um apartamento de altíssimo padrão em uma área nobre de São Paulo. Perto dali, presta consultorias na área financeira. Na época, era vice-presidente da Febraban. "Juntamos Bradesco, Itaú, Real, Econômico, Bamerindus, Nacional e Noroeste para fazer as doações.

Ele tinha o discurso que queríamos: pró-mercado, era contra a hipertrofia do Estado, a favor da recuperação dos investimentos do Estado e combate à inflação", diz.

Coutinho afirma que as maiores somas foram para a campanha de Collor, mas que também foram ajudados Guilherme Afif Domingos (PL), Paulo Maluf (PDS), Aureliano Chaves (PFL), Ronaldo Caiado (PSD) e Ulysses Guimarães (PMDB). Conta ainda que para Mário Covas (PSDB) foram doados US\$ 500 mil, mas como ele não era unanimidade entre os banqueiros, decidiu-se liberar o dinheiro em parcelas semanais de

US 100 mil, para que sua campanha não deslanchasse.

O jornalista Cláudio Humberto mantém relacionamento com Collor, embora não seja mais o grande conselheiro, como era na campanha de 1989. A sua coluna de notas políticas é uma das mais lidas do jornal de Collor, "Gazeta de Alagoas".

Pedro Paulo Leoni Ramos, amigo de juventude em Brasília nos anos 60 e ex-secretário de Assuntos Estratégicos em seu governo, também permanece próximo e fala-se com Collor com frequência. Ele mora em São Paulo e atua na Globalbank Participações e Investimentos, empresa

que faz investimentos no setor de infraestrutura, principalmente em pequenas centrais hidrelétricas.

Cleto Falcão, ex-líder do PRN na Câmara, rompido com Collor antes do impeachment, passa por dificuldades financeiras, em Maceió, desde sua derrota eleitoral em 1994. Assim como ele, outros protagonistas da aquela campanha permanecem afastados de Collor. Seu irmão, Leopoldo, um dos responsáveis pela campanha em São Paulo, mora na capital paulista, onde luta contra um câncer. Estão rompidos há anos. Em declarações à imprensa, afirmou que o irmão mantém contas bancá-

rias no exterior, o que Collor nega.

O responsável pelas pesquisas que direcionaram o discurso e a campanha de Collor, Marcos Coimbra, continua presidente do Instituto Vox Populi, de Belo Horizonte, onde também vive seu pai, o ex-embaixador Marcos Coimbra, casado com a irmã mais velha de Collor, Ieda.

Secretário particular de Collor na Presidência, Cláudio Vieira tem um escritório de advocacia de pequeno porte, em Maceió. Fala com o senador constantemente e tem, no seu rol de clientes, a Organização Arnon de Mello, da família Collor. (CJ)

Caminho de volta

A trajetória de Fernando Collor nos últimos 20 anos



■ **14/05/1989** - Renuncia ao governo da Alagoas e se candidata a presidente República

■ **17/12/1989** - Com 35 milhões de votos, é eleito o presidente mais jovem da história do Brasil

■ **20/12/1992** - Renuncia minutos antes da votação do impeachment no Senado, que o condenou por 76 a 5

■ **12/12/1994** - STF o absolve da acusação de corrupção passiva

■ **Agosto/1995** - Collor se muda de Miami. Instala um escritório das

Organizações Arnon de Mello. Tenta dar aulas na Universidade Internacional da Flórida, mas a falta de pós-graduação e a oposição de professores e alunos da área de estudos brasileiros o impedem

■ **18/09/1997** - Apresenta recurso no STF para anular decisão do Senado que o torna inelegível. Por 11 votos a zero, o recurso é rejeitado

■ **1998** - Retorna ao Brasil. Consulta um juiz eleitoral de Alagoas que lhe garante ter direitos políticos. Com isso, passa a agir como pré-candidato à Presidência e faz críticas ao governo

FHC. Não consegue, porém, recuperar seus direitos políticos e participar da disputa

■ **2000** - Candidata-se a prefeito de SP pelo PRTB, mas o registro de candidatura é negado

■ **2002** - Candidata-se a governador de Alagoas pelo PRTB. Obtém 419,7 mil votos (40,1%), mas perde no primeiro turno para Ronaldo Lessa (PSB)

■ **2005** - Após de 21 anos de casamento, separa-se de Rosane Collor. Meses depois, casa-se com a

arquiteta Caroline Medeiros, com quem tem dois filhos

■ **2006** - A 28 dias da eleição, inicia sua campanha ao Senado e é eleito com 550,7 mil votos (44%). Derrota Ronaldo Lessa (PSB) por uma diferença de 50 mil votos

■ **2009** - Com auxílio de Renan Calheiros, torna-se o presidente da Comissão de Infraestrutura do Senado. Em aparte ao senador Pedro Simon (PMDB-RS), volta a adotar o discurso agressivo que marcou sua ascensão à Presidência. Manda Simon "engolir e digerir" suas palavras

